

# **SIGNWRITING X PORTUGUÊS ESCRITO: COMPARAÇÕES SOBRE PERSPECTIVAS DOS DISCENTES SURDOS DO IFBAIANO CAMPUS SERRINHA<sup>1</sup>**

SIGNWRITING X PORTUGUESE WRITTEN: COMPARISON ON PERSPECTIVES OF DEAF STUDENTS IN IFBAIANO CAMPUS SERRINHA

Yuri Miguel MACEDO<sup>2</sup> | José Alexandre da SILVA<sup>3</sup>

Maria Angelita Lima SILVA<sup>4</sup> | Lucas Yuri da Silva RODRIGUES<sup>5</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho trata-se de uma comparação das escritas, *SignWriting* e Português Escrito, sob a perspectivas dos discentes surdos presentes e matriculados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, cujo o acrônimo é IFBaiano, na cidade de Serrinha-BA. Para a realização deste trabalho foram utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: a) Pesquisa bibliográfica; b) Ensino do *SignWriting* (para os alunos que necessitavam); c) Escolha da metodologia para fazermos a comparação das duas modalidades; d) Análise dos resultados obtidos. Apresentando e comparando os resultados de quais das duas modalidades de escrita é mais eficaz para o sujeito surdo, com o resultado positivo da escrita de sinais em relação ao português escrito. Acreditamos que possa ser estimulado o uso do *SignWriting* no meio acadêmico, facilitando a aprendizagem e o entendimento do discente surdo na sua expressividade. Evidencia-se também, a relevância do registro dos resultados, esperando influenciar futuras pesquisas e principalmente para o uso e aprendizado dos discentes surdos.

**Palavras-Chave:** Libras; *SignWriting*; Comparações; Surdos.

**ABSTRACT:** The present work is a comparison of writing, SignWriting and Written Portuguese, from the perspective of deaf students present and enrolled at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Bahia, whose acronym is IFBaiano, in the city of Serrinha- BA. To carry out this work, the following methodological procedures were used: a) Bibliographic research; b) Teaching SignWriting (for students who needed it); c) Choice of methodology for comparing the two modalities; d) Analysis of the results obtained. Presenting and comparing the results of which of the two types of writing is more effective for the deaf subject, with the positive result of writing signs in relation to written Portuguese. We believe that the use of SignWriting in academia can be encouraged, facilitating the learning and understanding of deaf students in their expressiveness. It is also evident the relevance of recording the results, hoping to influence future research and especially for the use and learning of deaf students.

**Keywords:** Pounds; SignWriting; Comparisons; Deaf.

<sup>1</sup> Recebido em: junho de 2021 | Aceito em: dezembro de 2021

<sup>2</sup> Doutor Honoris Causa (OCB). Doutorando em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Educação pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestre em Ensino e Relações Étnico-Raciais pela Universidade Federal do Sul da Bahia. Graduação em Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: [yurimacedo@id.uff.br](mailto:yurimacedo@id.uff.br)

<sup>3</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: [ymsnmm@gmail.com](mailto:ymsnmm@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: [ymsnmm@gmail.com](mailto:ymsnmm@gmail.com)

<sup>5</sup> Professor de Química da Educação Básica do Estado de Minas Gerais. Especialista em Química Geral e Industrial pela Faculdade Unyleya. Pós-graduando em Química Forense pela Faculdade Faceminas, Graduando em Engenharia Química pela Universidade de Uberaba, Graduação em Gestão Ambiental pelo Centro Universitário Estácio Ribeirão Preto e Graduação em Química pela Universidade de Uberaba. E-mail: [prof.lucasyuriquimica@gmail.com](mailto:prof.lucasyuriquimica@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Ao se falar sobre a escrita de sinais, Gesser (2009) comenta que os surdos expostos ao sistema *SignWriting* tinham muita facilidade para escrever. Levando em consideração essa citação, propomos fazer a comparação das modalidades de escritas disponíveis para os surdos, no nosso caso, os discentes do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia Baiano, cujo acrônimo é IFBaiano, situado na cidade de Serrinha.

O IFBaiano *Campus* Serrinha, está localizado a 185,4 Km de distância de Salvador, fazendo parte do Território do Sisal, onde o acesso acontece através das rodovias BR-324 e BR-116, sendo conhecida como a entrada do sertão baiano, consta atualmente com 5 surdos, dispostos nas turmas de Técnico em Agroecologia, Agropecuária e Agroindústria, com variação de idade entre 18 e 32 anos.

A escrita da língua de sinais utiliza símbolos visuais para representar as configurações de mão, os movimentos, as expressões faciais e os movimentos do corpo das línguas de sinais. Este “alfabeto” – uma lista de símbolos visualmente delineados- é utilizado para escrever movimentos de qualquer língua de sinais no mundo (STUMPF, 2009, p. 6).

Diferentemente do que muitos pensam sobre a escrita de sinais, no nosso caso, o *SignWriting*, ela contempla todas as possibilidades de registro e sinalizações no momento da escrita, tal qual é sinalizado na Libras, apresentando o mesmo entendimento, podendo também ser utilizados para representar a escrita de outras línguas de sinais, com a mesma fidelidade do entendimento ao qual foi sinalizado.

Além de ser uma modalidade de registro importante para o surdo, pois é a maneira que representará a sua sinalização, tendo muito mais nexos ao surdo do que o português escrito. De acordo com Stumpf (2008) a escrita de sinais pode apresentar todas as possibilidades de registro de qualquer outra forma de escrita, podendo registrar produções literárias, dramatizações, histórias infantis, poesias, piadas e também registrar sua própria história. Dessa maneira, não possibilita somente o registro, mas também sua leitura.

Campos e Stumpf (2012) dão ênfase, em seu artigo sobre a escrita de sinais, para um novo contexto como decorrência natural da inserção da Libras (Língua Brasileira de Sinais) nos espaços acadêmicos e essa “evolução” das línguas de sinais, como resultado de uma escrita própria, significa uma mudança cultural importante para o povo surdo. De fato é um importante e valioso comentário, pois mostra a realidade da escrita de sinais nos tempos atuais, infelizmente são poucos os lugares que utilizam a mesma, sendo que muitas instituições de ensino acreditam que somente a presença de um intérprete de Libras seria o suficiente para suprir a falta de

inclusão do sujeito surdo, e, na grande maioria, não respeitando ou mesmo desconhecendo a importância da escrita de sinais para o ensino e aprendizagem do discente surdo.

A escrita preenche função específica: comunicação à distância, fixar traços do passado, agendar atividades, anotar rapidamente dispondo de apenas lápis e papel, etc. Descobrir essas funções pressupõe usar uma escrita com significado. A escrita exige um trabalho consciente e consiste numa tradução a partir da fala interior. A fala interior é uma fala condensada e abreviada. A escrita é detalhada e exige uma ação analítica deliberada capaz de construir uma estrutura intencional da teia do significado (STUMPF, 2008, p.22)

Assim, queremos, através desse trabalho, dar subsídio para comparar as duas modalidades de escrita proposta aos discentes surdos e saber, por meio dos resultados obtidos, qual será o método de escrita mais apropriado. Com o resultado do trabalho espera-se influenciar futuras pesquisas e principalmente contribuir para o aprendizado dos discentes surdos.

## CULTURA SURDA

Alguns estudos sobre a cultura surda afirmam que é uma subcultura inserida dentro de outra cultura (cultura ouvinte), mas que apresenta características próprias, onde os indivíduos que a compõem têm os mesmos interesses e muitas vezes os mesmos objetivos, sendo reconhecida pelas manifestações artísticas, códigos linguísticos e organização social do grupo.

De acordo com Sá (2006, p. 26) “[...] a cultura se expressa através da linguagem, dos juízos de valor, da arte, das motivações, etc., gerando a ordem do grupo, com seus códigos próprios, suas formas de organização, de solidariedade, etc[...]”. A autora também destaca que a cultura surda tem sua própria identidade, na qual o grupo tem sua importância no meio social, com seus códigos linguísticos, forma de organização diante da sociedade, bem como no contexto social e na cultura em que vive.

“Cultura”, neste texto, é definida como um campo de forças subjetivas que dá sentido(s) ao grupo. É através das interpretações baseadas na cultura majoritária que, na construção social da surdez, ocorre a valorização do modelo ouvinte, principalmente no processo educativo dos surdos. Trata-se de uma imposição subjetiva (às vezes até objetiva) sobre as identidades dos surdos, sobre sua subjetividade, sobre sua auto-imagem, ou seja, poderes são exercidos para influenciar os surdos a perderem sua identidade de surdo, para que sua diferença seja assimilada, disfarçada, torne-se invisível (SÁ, 2006, p. 32).

Em virtude dos fatos mencionados, podemos afirmar que foi através das comunidades surdas que surgiu a organização e conquista dos direitos da pessoa com surdez. Com isso, surge automaticamente a cultura surda, na qual lutam pelos seus direitos, mesmo convivendo com uma cultura dominante, que é a dos ouvintes. Dessa forma, demonstram seu empoderamento diante da sociedade, principalmente através de sua língua materna, a língua de sinais. Por muitos anos, os

surdos foram proibidos de utilizar a libras, contudo, atualmente ela foi reconhecida no Brasil como segunda língua, sendo enfatizada por Campos e Stumpf (2012) destacando que os surdos reconhecem e são reconhecidos pelas suas línguas de sinais.

Levando em consideração esses aspectos, ocorreram momentos históricos, que tangem a cultura da comunidade surda em nosso país, os quais resultaram em seus direitos adquiridos e respeitados.

Através da lei 10.436 (24.04.2002) ocorreu o reconhecimento da Libras como língua e por meio do decreto 5.626 (22.12.2005) deu-se parâmetro e subsídio para a lei que reconhece a Libras, assim como outros direitos e, posteriormente, outras leis que atualmente temos, as quais exercem seu papel para obtenção dos direitos adquiridos.

Sabemos que a cultura surda é minoritária quando comparada a cultura dos ouvintes. Os surdos são obrigados a conviver como se sua cultura fosse a de um ouvinte, sem respeitar ou terem a sua identidade surda respeitada, um dos exemplos é o próprio contexto educacional, o qual propõe assuntos de ensino e aprendizagem dos surdos, mas não se informam sobre as falhas de ensino o que faz com que o usuário da língua seja ignorado.

Nas formações de professores que as escolas e instituições de ensino propõem, dificilmente tem como tema a inclusão, não contemplando nenhuma deficiência nessas formações. Mesmo com os direitos adquiridos e sendo legitimados por meio de leis e decretos, ainda percebe-se a dificuldade vivida pelos surdos na garantia de seus direitos, pois ainda existem escolas que trabalham com métodos ouvintista<sup>6</sup>, sendo criticadas por muitos professores por suas limitações ou dificuldades de aprendizagem, o que leva, muitas vezes, à evasão dos discentes surdos.

Do ponto de vista da cultura surda, o uso da língua oral de seu país, como única opção de escrita significa não só que as relações pessoais entre surdos que são contemporâneos uns aos outros, mas que estão distanciados uns dos outros no espaço, mas também, que as manifestações dos surdos de outras épocas, precisam ser mediadas e registradas em forma de escrita numa língua que não é a própria, não é a língua de sinais com a qual eles se expressam (STUMPF, 2008, p. 4).

Tem se discutido muito sobre metodologias de ensino que resultarão em um efeito positivo no ensino dos surdos, contudo dificilmente a sua língua é respeitada durante o momento da escrita. Os surdos deveriam ter a possibilidade de escolher a modalidade de escrita que oferece melhor retorno para seus registros.

---

<sup>6</sup> Ouvintismo: “[...] é um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte.” (SKLIAR, 1998, p. 15).

[...]as situações excludentes a que são submetidas crianças e adolescentes surdos, simulando o papel de aprendiz e reproduzindo os rituais escolares para ocupar o lugar de aluno em sala de aula: “copiar da lousa, copiar do colega, copiar do seu próprio caderno – um aluno surdo aprende e acaba por fortalecer este tipo de estratégia: copiar para se manter vivo no ambiente. (FERNANDES, 2006, p. 3).

Historicamente muitos registros dos surdos se perderam, posto que o português escrito não contemplava as ânsias e desejos da comunidade surda em se expressar. Para além disso, eram (e ainda são), condicionados a uma modalidade da escrita que contempla os ouvintes. No caso, o português escrito, para eles, muitas vezes, não passa de um “copia e cola”, sem entender o real significado da palavra, diferente do que ocorre quando expostos à escrita de sinais, na qual podem comparar seus registros com a sua sinalização.

Mesmo existindo uma parcela da população que desconhece a cultura e a identidade surda, muitas vezes ignorada e desrespeitada, essa situação é muitas vezes influenciada a “mitos” em relação aos surdos, que se disseminam na sociedade pelo seu desconhecimento. Porém precisamos desmistificar e visibilizar a sociedade o indivíduo surdo, respeitando a sua identidade, cultura, língua e direitos.

## ENSINO E APRENDIZAGEM DO SUJEITO SURDO

Historicamente, o processo da educação para pessoas surdas no Brasil foi muito conturbado, principalmente na sua inserção no espaço educacional. O preconceito era visível, ocorrendo discriminações, sendo obrigados a oralizar e proibidos de utilizar a língua de sinais para comunicação.

Muitas vezes foram discriminados no próprio espaço familiar, no entanto, ao analisarmos mais profundamente, iremos nos deparar com situações em que eram tratados como incapazes de se socializar, pois acreditavam que para ter credibilidade e sabedoria precisam da fala, dessa forma eram menosprezados pelos ouvintes.

Conforme Sá (2006) imaginava-se no passado, que o som era o único veículo da linguagem e que esta estava presa ao som. Até mesmo no pensamento e os processos mentais eram compreendidos como fala interior.

Com passar dos anos, depois de muitas lutas e resistência pelos seus direitos, foram aos poucos sendo valorizados tanto pela sociedade quanto no ambiente escolar. Atualmente existem leis e decretos que garantam os direitos e respeito ao indivíduo e sua língua materna. Hoje em dia, com seus direitos adquiridos, estão conquistando seus espaços, e no ambiente escolar não é diferente. De acordo com Sá (2006) somente a partir do século XVIII surgem as informações sobre os surdos em situações educacionais, começando em Paris, no ano de 1956, onde o padre

Abbé de L'Épée se interessa por um grupo de criança surdas e começa a instruí-los. Desde então, o assunto sobre educação do sujeito surdo, seja o ensino ou aprendizagem é debatida com frequência, ganhando destaque no contexto educacional em todo país, conseqüentemente discutindo sobre a inclusão da pessoa surda e quais as metodologias para seu aprendizado.

É famigerado que o professor tenha conhecimento sobre a inclusão, respeitando a língua materna do surdo e o seu direito pela presença do Intérprete de Libras, para assim ocorrer a comunicação entre discente(s) surdo(s) e a turma em que está inserido, garantindo assim seu desenvolvimento intelectual, motor e social.

Atualmente, observa-se um crescimento em relação ao assunto educação de pessoas surdas, discutindo as metodologias e seus resultados sobre a alfabetização dos surdos. Convém lembrar que, segundo Barreto e Barreto (2015) a alfabetização em todas as línguas, orais e sinalizadas, abre as portas da comunicação e do conhecimento para todos. Todas as línguas são aprimoradas quando podem ser escritas, traduzidas e publicadas e as línguas de sinais não são exceção.

Muito frequentemente, os gestores dos sistemas de ensino se creem conhecedores das melhores maneiras de se educar um surdo; no entanto, eles mesmos - os surdos - geralmente não são chamados ao menos a expressar opinião sobre o projeto educacional e sobre as políticas educativas mais adequadas para atender à sua especificidade (SÁ, 2006, p. 97).

A sua exclusão no processo de adaptação do plano de ensino é uma grande perda ao ensino dos surdos, pois quase todo o processo de alfabetização é planejado pelos ouvintes que “acreditam” que é a melhor metodologia de ensino, não contemplando o que realmente precisa para ter sucesso na aprendizagem e ensino do indivíduo surdo.

Uma falha que precisa ser desmistificada e, principalmente, servir como exemplo para os órgãos e pessoas responsáveis nesta área é o fato de que qualquer processo de inclusão, na busca de uma resposta positiva, precisa contar com a presença física da pessoa com deficiência. Isso poderia resultar na crença de que essa presença é indispensável no processo de ensino/aprendizagem. Indignação também ressaltada por Fernandes (2006), o qual destaca que esse tipo de encaminhamento metodológico adotado pelos professores alfabetizadores seria um dos principais condicionantes de desvantagens no processo de aprendizagem da escrita do português pelas crianças surdas. Outro ponto de destaque da mesma autora refere-se a:

O contexto educacional está organizado de forma que todas as interações são realizadas pela oralidade, o que coloca os alunos surdos em extrema desvantagens nas relações de poderes e saberes instaurados em sala de aula, relegando-os a ocupar o eterno “lugar” de desconhecimento, do erro, da ignorância, da ineficiência, do eternizado não-saber nas práticas linguísticas (FERNANDES, 2006, p. 3).

Muitas vezes são criticados pelos próprios educadores que acreditam na incapacidade de se desenvolverem intelectualmente no processo de escrita. Não levam em consideração que a grande maioria dos surdos não tiveram apoio ou mesmo uma educação digna, de qualidade, para demonstrar e aprender sua estrutura gramatical. Sendo expostos aos modelos de ensino propostos aos ouvintes, sem adaptações e muito menos a presença de um profissional intérprete de Libras, o que lhe proporcionaria ter uma melhor comunicação e respeito no aprendizado, bem como seus anseios.

## ***SIGNWRITING* – SISTEMA DA ESCRITA DE SINAIS**

Muitos pensam que a LIBRAS é uma língua ágrafa, acreditando que o surdo para expressar a sua escrita teria que fazer uso, exclusivamente, do português escrito. Mesmo os que conhecem a escrita de sinais pensam que não tem capacidade de registrar todos os parâmetros necessário para a sinalização, porém, ao contrário do que a grande maioria das pessoas supõem, a língua de sinais tem seu próprio sistema de escrita, sendo denominado *SignWriting* e consegue registrar todos os sinais, contemplando todos parâmetros.

Conforme Stumpf (2008) *SignWriting* é um método inventado em 1974 por Valerie Sutton. Segundo Barreto e Barreto (2015) na época de seu surgimento, era baseado em movimentos de dança, denominado *DanceWriting*. Gesser (2008) nos diz que com o decorrer dos anos ocorreu a transição dos “sinais de dança” para “a escrita de sinais” através de pesquisadores da Universidade de Copenhagen com cooperação de Valerie. Assim, iniciou-se seus primeiros registros, primeiramente escrito a mão e com o passar dos anos e o avanço da tecnologia, registrados em programas que permitem fazer registros em computadores. De acordo com Barreto e Barreto (2015) foi a partir de 1981 que ocorreu a primeira versão para escrita via computador, sendo evoluído e simplificado, até chegar ao padrão que temos atualmente.

Gesser (2009) nos mostra que no Brasil os primeiros estudos e adaptações ocorreram em 1996, através de um grupo de pesquisa pela PUC da cidade de Porto Alegre-RS, sendo uma dos(as) participantes do grupo de pesquisa a Dr<sup>a</sup> Marianne Rossi Stumpf, Dr<sup>a</sup> que desenvolveu e ainda desenvolve trabalhos de alfabetização para crianças surdas.

A escrita de sinais contribui para a memorização, aprendizagem e organização do pensamento em Libras de maneira mais rápida. Isto acontece porque ela registra os sinais de forma visual direta, parte por parte, com grafemas altamente icônicos. Isto envolve diversas áreas do cérebro, criando inúmeras conexões ao mesmo tempo (BARRETO; BARRETO, 2015, p.47).

Assim como a escrita de sinais contribui para a memorização, também ajudará a analisar a estrutura do sinal. Ela nos leva a observar detalhadamente como é sinalizado, corrigindo e se monitorando, principalmente em relação aos parâmetros da Libras e conseqüentemente o sinal,

uma vez que, será todo representado na escrita, contemplando todos os parâmetros necessários para sinalização. Inclusive, essa análise também é mencionada por Barretos e Barretos (2015) em seu livro.

Ao aprender, utilizar ou ensinar a Escrita de Sinais, seu cérebro, faz uma aprofundada análise fonético fonológica da Libras. Isto acontece à medida em que, consciente ou inconsciente, você vai observando a estrutura das Configurações de mão, das orientações da Palma, dos padrões das Locações - isto é, onde os sinais são feitos - dos movimentos e das Expressões Não Manuais...Ao mesmo tempo, seu cérebro assimila a morfologia da Libras. Ou seja, a estrutura interna dos sinais, quais são os menores partes com significado. Você começa a perceber também porque o sinal tem uma determinada Configuração de Mão, uma Locação específica, e assim por diante (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 47).

Barreto e Barreto (2015) afirma que que no ano de 2006, *SignWriting* foi reconhecido pelo comitê do *Internacional Organization for Standardizations* (conhecido popularmente como Sistema ISO) como escrita das Línguas de Sinais, incluído, assim, no Registro das Escritas do Mundo, contribuindo então para seu *status* linguístico da língua de sinais.

## Português Escrito X Signwriting

Muito se tem discutido, qual a melhor maneira ou metodologia para o sujeito surdo se expressar através da escrita, seja no português escrito ou pelo *SignWriting*, sendo um tema de fundamental importância para as atuais e futuras metodologias de ensino e aprendizagem, percebemos assim que trata-se de duas modalidades totalmente diferentes de escritas. Vale ressaltar que, de acordo com Barreto e Barreto (2015) no *SignWriting*, mesmo sem ter estudado a escrita de sinais, é possível perceber o significado de várias partes da escrita, contudo, quando deparado com palavras no português, o entendimento pode não ficar tão claro.

Isto acontece porque as escritas das Línguas Orais não conseguem registrar com precisão as Línguas de Sinais (LS), pois seus fonemas são visuais, não sonoras. Quando um surdo lê uma palavra escrita em Português, isto não lhe ajuda a lembrar como é feito o sinal. Porém a Escrita de Sinais consegue fazer o registro da Libras com precisão (BARRETO; BARRETO, 2015, p. 40).

Levando em consideração esses aspectos, podemos então analisar a necessidade do ensino de *SignWriting* para os surdos, principalmente para efeitos de registros da escrita, podendo os mesmos estarem registrando suas diversas necessidades, seja em relação a registro pessoal ou mesmo acadêmicos, e principalmente estar possibilitando em ler e escrever em sua língua. O português escrito está, muitas vezes, associando a fonologia oral com a escrita, para facilitar a transcrição da escrita, isso acontece com muitos ouvintes que oralizam para sanar as dúvidas de como escrever, associando os fonemas com os grafemas.

Com a imensa maioria dos surdos, quando escrevem em uma língua oral, acontece o mesmo que acontece com um ouvinte que não sabe o suficiente de uma língua estrangeira no qual precisa se expressar; ele vai simplificando o máximo possível para conseguir passar a mensagem e muitas vezes usa palavras que não significam aquilo que pensa e produz textos que, por não ter conseguido se apropriar da estrutura da língua, perdem o significado (STUMPF, 2008, p. 20).

Diante dos estudos sobre a temática aqui pesquisada, é possível observar a importância da socialização do indivíduo surdo para o seu desenvolvimento cognitivo e sócio afetivo, porém a aprendizagem se dá através da interação do sujeito com o meio em que estas inserido. Isso contribui tanto para o desenvolvimento dos surdos como dos ouvintes, desde os primeiros anos de vida.

Vale salientar que a língua oral, escrita ou visual contribui para compreensão e reflexão linguística, permitindo a compreensão da comunicação do indivíduo nos diversos espaços. Por isso faz-se necessário a alfabetização das pessoas, para assim compreender o mundo através da leitura e da escrita. No caso dos surdos esse processo acontece através da comunicação em língua de sinais, língua essa que podem expressar seus sentimentos, fator de grande valia para seus primeiros anos de vida, que influenciará seus aprendizados ao longo da vida.

Construir a escrita significa conseguir criar os elementos adequados à expressão das ideias e estabelecer entre eles a relação apropriada que reflita no texto a gramaticidade da língua. Para o usuário natural de uma língua, no caso as crianças surdas usuárias das línguas de sinais essa compreensão da estrutura da língua acontece naturalmente ao ser posta em contato com a LS, como acontece com a criança ouvinte quando adquire a língua oral de seus pais (STUMPF, 2009, p. 8).

De acordo com o pensamento da autora, podemos afirmar que toda criança tem seu potencial intelectual para ser desenvolvido, pois só necessitam de estímulo para desenvolver sua aprendizagem, seja ela surda ou não. Por isso é importante a interação com outras pessoas, através da interação o sujeito também constrói a aprendizagem.

No caso dos surdos é de suma importância o contato com a comunidade surda logo nos primeiros anos, pois, além da língua de sinais ser sua língua materna, ela será estimulada pelos usuários da mesma. Stumpf (2009) também aborda em seu artigo que o indivíduo constrói seu intelecto a partir do experimento e vai ampliando seu leque de conhecimento no decorrer dos anos, através do contexto em que está inserido.

Considerando, a partir de Piaget (1947-1977), que toda criança constrói suas ferramentas intelectuais, sobretudo na ação e na experimentação e acrescentando do socioconstrutivismo, a importância das relações sociais nas aprendizagens, demos particular atenção à participação ativa do sujeito e aos trabalhos de grupo, em nossas tentativas de propiciar às turmas de crianças e

jovens, com quem trabalhamos, a aquisição do sistema de escrita *SignWriting* (STUMPF, 2009, p. 9).

Então, fica evidente que todo indivíduo constrói seu conhecimento e aprendizado através da interação e principalmente por meio de ação e da experiência vivenciada no cotidiano social. Essa interação é importante tanto para o aluno ouvinte como para o surdo. Vale ressaltar que o aluno surdo adquire as informações a partir do viso espacial, o que facilita a aprendizagem do mesmo, por isso a importância de trabalhar em sala de aula com textos imagéticos e com símbolo para que o surdo seja capaz de fazer a comparação e associação dos mesmo e assim facilitar o desenvolvimento da aprendizagem, por meio do *SignWriting* facilitará a compreensão do signos escrito para o aluno surdo.

Assim, destacamos a importância da linguística nos estudos de aprendizagem, porque é através dela que nos comunicamos e socializamos com o mundo e as pessoas, por isso esses estudos precisam ser partilhados com todos visando a aprendizagem e o autodesenvolvimento. Isso se dá através do ensino e aprendizagem, dessa forma o sujeito constrói seu conhecimento, e esse mecanismo ocorre no processo de alfabetização.

Segundo Xavier (2014, p.88) “A relevância do signo linguístico se faz presente, uma vez que ele precisa ser compartilhado socialmente e, dessa forma, representa uma etapa final do processo de alfabetização. Partindo de escritas pictográficas as ideográficas até chegar a uma escrita silábica[...]”. Diante do que foi mencionado é visível que os signos linguísticos são relevantes tanto no início da alfabetização quanto no letramento e para todo o processo do desenvolvimento intelectual do sujeito. Stumpef (2009) aborda que a metodologia usada em sala tem grande relevância no aprendizado e no processo da alfabetização do aluno surdo.

A metodologia utilizada visa possibilitar o desenvolvimento da escrita de língua de sinais em momentos distintos de interação, inspirados no método de exploração crítica das situações experimentais, objetivando incorporar os conhecimentos das crianças nas atividades de aquisição do sistema *SignWriting*. Partimos do interesse das crianças despertado pelo próprio objeto de conhecimento proposto e em conversas em sinais, para com a utilização dos recursos didáticos disponíveis, iniciarmos a apropriação do sistema *SignWriting* de escrita de língua de sinais. (STUMPF, 2009, p. 9).

É importante frisar que a metodologia de ensino deve valorizar a interação do aluno despertando o interesse do mesmo pela leitura, utilizando principalmente o uso de imagens e, a partir a socialização, desenvolver a compreensão do signos escrito, já que o português escrito pressupõem da oralidade como requisito fundamental para o domínio da escrita, diferente da escrita de sinais, onde o surdo poderá associar o sinal com o que está sendo escrito, não precisando da oralidade para sanar as dúvidas fonológicas da escrita do português.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

A metodologia utilizada no presente trabalho se enquadra numa pesquisa exploratória, qualitativa e pesquisa-ação. Segundo Gil (2011) a pesquisa exploratória é caracterizada pelo seu objetivo de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, envolvendo entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

Conforme Godoy (1995) a pesquisa qualitativa é caracterizada por ser uma pesquisa que envolve os estudos dos seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diferentes ambientes, no qual o pesquisador precisa ir a campo registrar os assuntos propostos a partir da perspectiva das pessoas envolvidas, contexto esse que contempla o presente trabalho, pois a palavra perspectiva está situada na titulação do mesmo.

A característica de uma pesquisa-ação de acordo Gil (2011) é principalmente o envolvimento, tanto dos pesquisadores quanto o dos pesquisados, no processo da pesquisa, desempenhando um papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados, diagnosticando um determinado problema em uma situação específica, alcançando assim um resultado prático. Assim esse trabalho abrange esses três tipos de pesquisa, devido ao fato de estarmos trabalhando com um determinado grupo, proporcionando como resultado as perspectivas dos envolvidos sobre a modalidade de escrita que tem um melhor resultado positivo.

O procedimento inicial da pesquisa, consistiu em convidar os discentes surdos presentes no *Campus* Serrinha a participarem do projeto. Após fazer uma avaliação dos níveis de aprendizagem de escrita de sinais dos participantes, e aplicar a atividade proposta, analisamos a perspectiva referente as duas modalidades de escrita pela visão dos alunos surdos. Os surdos que não tinham contato frequentemente com a escrita de sinais foram convidados a participarem de uma oficina básica de *SignWriting*.

Vale ressaltar que o instituto, atualmente, conta com 5 surdos matriculados, todos aceitaram participar da pesquisa. Outro ponto que devemos destacar é a presença de uma servidora intérprete de Libras que conhece a escrita de sinais, assim, fizemos uma parceria para ensinar a escrita de sinais aos participantes, facilitando assim o nosso trabalho. Ainda, convém destacar que, atualmente, o *Campus* tem em sua estrutura placas de sinalização em *SignWriting* e Braille.

Para a continuação da atividade foi agendado um horário para realizar a avaliação, no qual todos os discentes surdos matriculados no *Campus* pudessem estar participando. As atividades selecionadas para o trabalho foram compostas de frases e palavras escolhidas, propositalmente, utilizadas no cotidiano dos alunos, totalizando 10 frases e 10 palavras variadas,

fizemos a sinalização em libras (frases e palavras) e pedimos aos participantes para que tentassem transcrever em português e em *SignWriting*.

Ocorrendo então a finalização dessa atividade, recolhemos os materiais e comparamos as dificuldades de cada modalidade em concordância com as respostas dos alunos, apresentando em qual delas obteve maior facilidade para se expressar, apresentando os resultados no próximo capítulo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer do trabalho, selecionamos algumas frases e palavras que são utilizadas no cotidiano dos alunos do *Campus Serrinha*, sendo propostas as seguintes frases para serem transcritas no português e na escrita de sinais, para posteriormente fazermos a análise sobre as perspectivas dos alunos surdos.

- a) Amanhã não tem aula, porque será tempo comunidade;
- b) Segunda-feira teremos prova de matemática;
- c) O IFBaiano tem os cursos Agroecologia, Agropecuária e Agroindústria;
- d) Eu perdi o ônibus;
- e) Essa semana está chovendo muito;
- f) Você precisa estudar para História;
- g) Fazer atividade em Libras;
- h) O curso de Libras será a noite;
- i) Todos precisam aprender Libras;
- j) Preciso ir ao banheiro.

Vale ressaltar que, assim como as frases, as palavras foram escolhidas e adaptadas propositalmente, por serem utilizadas no cotidiano dos discentes. Acreditamos que dessa maneira facilitaria a compreensão dos mesmos, uma vez que essas frases e palavras são usadas frequentemente.

Podendo assim, os alunos terem suas perspectivas de acordo com cada modalidade de escrita, nossa proposta não era dificultar ou facilitar e sim criar meios para que os discentes conseguissem fazer comparações entre as modalidades e identificar suas potencialidades.

Outro fator de grande importância no nosso trabalho é que, para a discussão dos resultados, iremos respeitar a escrita dos surdos no momento de comparar o desempenho do português escrito, da mesma forma, respeitaremos o regionalismo dos sinais na transcrição do *SignWriting*, tanto nas frases quanto as palavras propostas. Sendo as palavras utilizadas no trabalho:

- a) Surdo;

- b) Estudar;
- c) Serrinha;
- d) Aprender;
- e) Sábado;
- f) Apresentar;
- g) Pesquisa;
- h) Estágio;
- i) Projeto;
- j) Professor.

Na tabela abaixo é demonstrado o desempenho de cada discente do *Campus Serrinha*, possibilitando comparar as duas modalidades de escritas a qual os discentes surdos podem estar utilizando.

**Tabela 1** – Resultados das comparações entre as duas modalidades de escrita

COMPARAÇÕES ENTRE SIGNWRITING X PORTUGUÊS ESCRITO						
Discentes	Sinais Sinalizados	Desempenho no português escrito	Desempenho no <i>SignWriting</i>	Frases Sinalizados	Desempenho no português escrito	Desempenho no <i>SignWriting</i>
Aluno I	10	9	9	10	8	8
Aluno II		8	9		7	8
Aluno III		7	8		7	7
Aluno IV		6	8		5	8
Aluno V		6	9		4	8

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Ao comparar os resultados das escritas das frases, destacamos que no português escrito o resultado foi influenciado pelo grau de aprendizagem/ensino dos alunos. Os que estavam no último ano do ensino médio conseguiram fazer a transcrição de quase todas as frases e palavras no português, obviamente ocorrendo alguns erros. Os alunos que estavam em séries anteriores (primeiro ano e segundo ano) do ensino médio demonstraram uma maior fragilidade ao transcrever para o português.

Em relação ao desempenho da escrita de sinais, destacamos o progresso de todos os participantes ao transcreverem, visto que é uma modalidade nova de escrita em que os participantes não estão condicionados, ocorrendo uma resposta positiva na sua transcrição, entretanto, alguns erros q observados dizem respeito às representações dos sinais de contato, bem como a orientação das mãos. Salientamos que todos os alunos, independente a série em que estão inseridos, apresentaram semelhanças no grau de compreensão da transcrição da escrita de sinais, assemelhando os erros e os acertos, detalhe que não acontece no português escrito.

Acreditamos que com o decorrer do tempo e o contato contínuo com a escrita de sinais (*SignWriting*) teremos uma resposta positiva em relação ao uso do português escrito, pois observou-se que no momento em que as frases tinham uma complexidade maior, por exemplo na frase C que era “O IFBaiano tem os cursos Agroecologia, Agropecuária e Agroindústria”, os discentes tiveram dificuldades em transcrever para o português algumas das palavras, como agroecologia, agropecuária ou agroindústria, o que não ocorreu no momento da escrita de sinais, tendo um resultado positivo, e quando questionados, alegaram que conseguem fazer a comparação com a Libras no momento da transcrição, o que não acontece com o português.

As mesmas considerações e resultados que tivemos nas frases foram apresentadas nas palavras, porém com um melhor resultado nas palavras do que nas frases em português. A média de acerto ficou em torno de seis a nove palavras das dez sinalizadas para serem transcritas, porém na modalidade da escrita de sinais a resposta foi novamente positiva, mesmo ocorrendo alguns erros (mínimos), sendo os mesmos erros da transcrição das palavras em *SignWriting* presente nas frases.

Faz-se necessário destacar que, no momento da transcrição do português, quando os alunos não sabiam alguma palavra deixavam em branco, já na transcrição para a escrita de sinais os mesmos sinalizavam e tentavam repassar para o papel. Fato esse de grande valia para nosso estudo, pois percebeu-se uma maior facilidade de transcrever para o *SignWriting* do que realizar o mesmo processo na transcrição da Libras para o português.

Em relação às perspectivas dos discentes surdos sobre as duas modalidades, podemos destacar que, mesmo sendo o *SignWriting* uma modalidade de escrita que está em sua adaptação com os discentes, demonstrou-se um resultado mais positivo do que o português escrito, demonstraram uma maior facilidade de representar e entender a escrita de sinais em relação ao português, pois na escrita de sinais, eles conseguem fazer a comparação com a Libras, quando apresentado o erro no momento do *Feedback*, foi justificável devido ao pouco tempo de contato/prática com a escrita de sinais.

Finalizado o processo de comparação, podemos destacar que o português escrito para os surdos é uma modalidade de escrita necessária para seu aprendizado, visto que o mesmo está presente em toda a sua vida acadêmica bem como pessoal. Outro ponto que devemos destacar é que a escrita de sinais não consegue abranger todos os lugares, então não podemos somente utilizar ela, entendendo assim que para que haja o desenvolvimento integral desses sujeitos é necessário lançar mão de estratégias onde os mesmos possam ter acesso a todas as modalidades possíveis (português escritos/ escrita de sinais). Todavia, como foi citado pelos participantes, é na escrita de sinais que eles apresentam maior facilidade em realizar a leitura dos sinais utilizados

durante a comunicação, atendendo os cinco parâmetros da Libras, fator esse naturalmente entendido por sabermos que a Libras é a língua materna do surdo, sendo assim, a escrita de sinais também torna-se mais acessível para eles, uma vez que a língua de sinais é visual e esse processo tende a acontecer de maneira atávica.

Diante dos resultados analisados e apresentados, podemos destacar que enquanto a escrita de sinais *SignWriting* demonstrou um resultado positivo e esperado, mesmo que estejam os alunos em um processo de aprendizagem, faz-se necessário o seu uso entre os alunos, não substituindo totalmente o português, mas respeitando o seu posicionamento enquanto usuário da Libras, podendo os educadores serem flexíveis para aceitarem trabalhos na modalidade de escrita de sinais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, buscou-se discutir a importância da *SignWriting* nos espaços educativos com discentes surdos presentes. Através das discussões trazidas, percebeu-se a importância de trabalhar uma metodologia que relacione e respeite a língua de sinais, principalmente através de sua escrita. Porém precisávamos comparar com o português escrito, para assim comprovarmos a eficiência das duas modalidades de escritas, associando-as. Em consequência disso a melhor modalidade de escrita, facilitaria o aprendizado e o desenvolvimento intelectual do discente surdo.

Com o resultado positivo da escrita de sinais, em relação ao português escrito, pode-se afirmar que a inserção do *SignWriting*, no cotidiano e no âmbito escolar, contribuirá de forma imensurável para o letramento e entendimento dos sujeitos envolvidos, facilitando assim o processo da leitura ou mesmo da transcrição. Além do desenvolvimento intelectual, social e cognitivo dos mesmos.

Ficou evidente que a inserção do *SignWriting* no espaço educativo com a presença de surdos é uma ação urgente e eficaz além de corroborar com a efetivação das leis que garantem o acesso e permanência dos mesmos nos espaços acima citados. Compreendendo assim que os gestores/educadores, bem como todos aqueles que fazem parte do corpo escolar, precisam se inserir e adequar a essa realidade, além de buscar formações na área, possibilitando, dessa maneira, melhor comunicação entre ambas as partes e evitando constrangimento para os discentes surdos além de promover qualidade de vida para todos.

Ao concluirmos o presente trabalho, percebemos que as discussões aqui apresentadas, não se encerram com a finalização desse capítulo, mas abrem caminhos para novas abordagens sobre a temática pesquisada e registrada. Desejamos que o trabalho proporcione aprendizagens e

colabore com o desenvolvimento de novas metodologias de ensino, além de um olhar mais sensível à inclusão do sujeito surdo, bem como fomentar a realização de novos trabalhos.

Desta maneira buscamos contribuir com a formação dos estudantes e professores que buscam incansavelmente respostas às suas inquietações acerca do uso da escrita de sinais, sanando suas dúvidas sobre as modalidades de escrita do *SignWriting* e do português escrito no espaço educacional que tenham surdos presentes.

Vale ressaltar algumas dificuldades no decorrer do trabalho, principalmente sobre a falta de materiais que tratavam como foco a comparação das duas modalidades de escrita. As conquistas foram muitas, pois adquirimos novos conhecimentos sobre a temática, mostrando, através da prática e da vivência, os resultados das comparações, considerando de extrema importância para nossa formação enquanto estudantes e educadores. Portanto, finalizamos essa etapa com a certeza de que demos o nosso melhor na busca de respostas assertivas visando promover a inclusão de fato e provando que é possível a inserção da Pessoa com Surdez em todas as esferas educacionais e que essas podem obter êxito desde que tenham oportunidade para tanto.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Madson. Barreto, Raquel. **Escrita de Sinais sem mistério**. 2º. ed. Rev. Atual. e Ampl. Volume 1. Editora Libras Escrita. Salvador. 2015. 416p.
- CAMPOS, Débora Wanderley. STUMPF, Marianne Rossi **Cultura Surda: Um patrimônio em contínua evolução**. Um Olhar sobre nós surdos: Leituras Contemporâneas. p. 177-185, Curitiba-PR.2012.
- FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na educação bilíngue para surdos**. SEED. Curitiba, 2006.
- GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. 1ªEd. Parábola Editorial, São Paulo. 2009. 87p.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2011
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo 1995. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3>> acesso 20 de julho de 2019.
- SÁ, Nídia Regina Limeira. **Cultura, Poder e Educação dos Surdos**. Editora Paulina. São Paulo. 2006
- SKLIAR, Carlos. **A Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.
- STUMPF, Marianne Rossi. **Escrita de Sinais I**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2008



STUMPF, Marianne Rossi. **Escrita de Sinais II**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2009

STUMPF, Marianne Rossi. **Escrita de Sinais III**. Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC. Florianópolis. 2008

STUMPF, Marianne Rossi. **Lições sobre o SignWriting**: Um Sistema de Escrita para Língua de Sinais. 2009.